



Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Aponte o celular para o QR Code e veja a entrevista na íntegra com a ministra das Mulheres, Cida Gonçalves

Ampliar o número delas na política é válido mesmo para as que não defendem pautas que beneficiem as mulheres?

É claro que eu prefiro mulheres que defendem a pauta das mulheres. A grande questão é que, quanto mais mulheres tiverem visibilidade, você vai criar, no sentido das meninas, a representatividade para dizer assim, “se ela pode, eu posso”. A maioria das mulheres que a gente pede para ser candidata fala: “Ah, não, não sei se eu vou conseguir”. Então, acho que é essa construção primeiro que a gente vai fazer, depois a gente faz a disputa ideológica, não tem problema.

Sobre essa falta de sustentação política para as mulheres, avalia que foi o que aconteceu com a ex-ministra Nisia Trindade? E isso se estende à senhora, a respeito dos rumores de ser a próxima a ser substituída na reforma ministerial?

O que eu acho é que falta solidariedade, principalmente de quem quer o cargo. É o problema, na minha avaliação. A questão é: o cargo é uma prerrogativa do presidente. Ele teve 52 milhões de votos para isso. Eu não tive nenhum. Eu não disputei nem as eleições. Nisia também não tinha nenhuma prerrogativa. Até agora, o presidente não falou comigo, então, enquanto o presidente não me chamar, eu não estou demitida, não estou no processo de exoneração. A imprensa que está dizendo. Você tem o processo de queimação durante não sei quanto tempo, até que termina desautorizando o presidente na hora em que ele tem de exercer a função de presidente da República. Acho que precisamos, sim, ter uma mudança de rota nesses dois últimos anos de mandato. Chegamos, arrumamos a casa, organizamos, agora o presidente precisa de outros elementos, de outras coisas. E ele tem toda a legitimidade que 52 milhões de pessoas deram para ele para fazer isso.

Acredita que houve misoginia nesse processo de saída da ministra Nisia?

Acho que por parte da imprensa houve misoginia. Foi onde eu li as informações. Não fiquei sabendo nos corredores do Palácio ou nos corredores da Esplanada. Vou dizer o que eu acompanhei pelas leituras da imprensa e acho que a imprensa foi misógina. Não acho que dentro do governo houve um processo de fritura. Não tenho elementos para analisar isso, então, se houve, não passou por mim, e olha que a gente conversa bastante. O problema é a exposição pública. Fico observando que a imprensa não faz a mesma coisa com os homens. Agora, conosco, gente, é cruel, eu não tenho coragem de ficar olhando. A questão é: você vai ler o tempo todo que uma de nós está na berlinda, ou com problema, ou com não sei o que, ou somos incompetentes. Não sei “porque precisa ter troca no governo”, sai porque somos incompetentes. Agora, os homens, não. Para eles, é necessária uma articulação para melhorar o governo, entendeu?

A senhora culpa a falta de divulgação, por parte do governo, dos projetos das pastas, tanto da sua quanto da Saúde, pela má avaliação das duas gestões?

Não sei, não tenho elementos para analisar isso. A forma da análise do que é competência ou incompetência depende de quem tem o olhar, porque pode ser que eu faça uma grande entrega, e para mim é uma grande entrega, mas para o outro não é. Isso é muito relativo. Não tenho condições de falar sobre isso.

Neste tempo à frente da pasta, o que mais a chocou em relação à misoginia, ao ódio, à resistência ou ao desprezo em relação às mulheres?

É difícil fazer essa escala, porque os casos que eu me deparei são terríveis. Teve um em Mato Grosso que o cara matou a mulher, cortou o pescoço dela e andou a cidade inteira arrastando -a com a moto, para todo mundo ver o que ele tinha feito. O que me assusta, primeiro, é a certeza da impunidade para fazer

Até agora, o presidente não falou comigo, então, enquanto o presidente não me chamar, eu não estou demitida, não estou no processo de exoneração

Você vai ler o tempo todo que uma de nós (ministras) está na berlinda, ou com problema, ou com não sei o que, ou somos incompetentes. Não sai 'porque precisa ter troca no governo', sai porque somos incompetentes. Agora, os homens, não. Para eles, é necessária uma articulação para melhorar o governo, entendeu?

Os partidos não dão espaço para as mulheres crescerem partidariamente. Também não dão oportunidade para as mulheres serem carros-chefes de campanha

algo assim. Segundo, é o desprezo. Quando você fala em ódio, as pessoas acham que você está brincando, mas quem mataria uma pessoa, tiraria a cabeça dela e ainda sairia com o corpo pela cidade inteira para mostrar, se não por ódio? E não a doença, é ódio. A segunda que me choca é o dado de crianças de 0 a 4 anos sofrerem estupro. Isso para mim é inconcebível. As pessoas dizem que a gente é estuprada porque está na rua às 2h da manhã, de minissaia, ou no bar. Mas uma criança de 0 a 4 anos, ela não sai nem da cama, mal está andando ainda. Isso para mim foi uma coisa que me chocou, e foi o que mais me motivou a ir para o Feminicídio Zero. E terceiro, o caso da Maria da Penha, o caso da Mariana Ferrer, o caso de muitas outras mulheres que estão aí sendo perseguidas pelas redes sociais, ameaçadas. Maria da Penha fez uma denúncia. Denunciou o Brasil, ganhou na Organização dos Estados Americanos (OEA), o Brasil foi condenado, fizemos uma lei com o nome dela, que está sendo implantada no país. Aí você vê, 40 anos depois, essa mulher está trancada dentro de casa sem poder sair, porque ela está sendo ameaçada de novo. Isso é estarrecedor, choca.

Causa espanto à senhora o fato de algumas mulheres pensarem igual a homens, não só em relação ao feminicídio, mas a outros problemas relacionados ao gênero?

Primeiro, acontece. Segundo, não me espanta. Porque o machismo e o patriarcado foram espalhados na sociedade. Não são os homens que são machistas, a sociedade é machista. Por isso não me espanta que algumas mulheres sejam mais duras

do que alguns homens para algumas coisas. Somos filhos e filhas dessa sociedade. Sempre digo duas coisas na questão da violência: se você tem uma criança que é criada em um ambiente de violência cotidiana — porque é todos os dias que a mulher sofre violência —, você não quer que essa criança tenha uma outra relação com a sociedade que não seja de violência. Somos fruto de onde viemos. Não tem como querer criar um cara humanitário, cheio de paz, e uma mulher que não seja submissa, se eles convivem nesse ambiente, nessa relação a vida inteira. A mesma coisa vai servir para a questão do que pensa a sociedade, homens e mulheres, sobre a questão das mulheres. Espero, sinceramente, que um dia a gente consiga não ter mais esse tipo de julgamento, esse tipo de julgamento. Espero não ter mais uma Paolla Oliveira sendo julgada e condenada pelos padrões de beleza estabelecidos que cabe a uma mulher, ou uma Janja calada porze o papel de mulher é calada. Não é do lado do marido, é atrás do marido. Estou falando da Janja, que é a primeira-dama, mas qualquer mulher sofre com isso. Há um estereótipo que é colocado e pensado para as mulheres, que não nos permite ultrapassar esse estereótipo. Até chegar ali pode, depois dali, não pode mais.

Avalia que o papel da primeira-dama está mudando nos últimos anos? Isso incomoda?

A maioria dos municípios a que vou, quando eu vou falar com os prefeitos, eu sempre pergunto para as mulheres dos prefeitos o que elas fazem. E elas respondem: eu sou dentista, tenho meu consultório; a outra, eu sou médica, sou cirurgiã; a outra é

professora. Cada uma continua trabalhando e tendo a sua vida, a sua autonomia. Isso é um novo perfil de primeira-dama. Precisamos entender isso. Não é a mesma primeira-dama que servia chazinho 5h da tarde há algumas décadas. A questão da Janja é que ela é uma socióloga. Quando você é socióloga, tem a inquietude do questionamento, do mudar, do refletir, do fazer. Como é que você pede para uma socióloga ficar quieta? Porque antes de ela ser mulher do Lula, ela já era socióloga.

Como é a relação com Janja?

Eu convivo muito com a Janja. Ela não dá um palpito no meu ministério, mas a gente discute muita coisa juntas, porque ela é feminista, é parceira, mas ela não diz quem eu tenho de contratar, quem eu não tenho de contratar, quem eu tenho de tirar, quem eu não quero tirar. Estabelece-se parceria, do mesmo jeito que deve ser na área social. E eu tenho discutido uma coisa: onde é que a Janja está jogando energia? Está jogando na Aliança Global contra a Fome. Vamos discutir o papel da primeira-dama? Antigamente, era dar sacolão, agora é fazer política pública da assistência social. A Aliança Global contra a Fome e a Miséria é isso. Mas é uma posição política. Ela não é um sistema de caridade, como era antigamente e de troca de voto. Então, acho que isso incomoda. O que incomoda não é o fato de ela ser uma mulher diferente, que fala, é o fato de que tipo de política, nesse espaço que ela tem de poder, de ser primeira-dama, está implementando no país. Para mim, o que ela está revolucionando é exatamente o olhar sobre as mesmas pautas que tradicionalmente foram tratadas. O que incomoda não é a mulher Janja, é a socióloga Janja cumprindo um outro papel estratégico e fundamental no mundo e no Brasil.

O que pensa ser o feminismo hoje?

Penso que o feminismo são as pessoas que lutam pelo direito das mulheres. Isso é feminismo. Agora, você tem os diversos feminismos. Não vou entrar nesse debate. Mas se você tem uma pessoa que não quer que a mulher perca direito nenhum, ela tem uma posição política. Você dizer que é para garantir os direitos das mulheres, avançar nos direitos das mulheres, é essa perspectiva que eu trabalho. Eu não trabalho com o conceito, que a gente sempre teve no Brasil, da feminista de carteirinha. Não tem carteirinha. Você tem o desejo, a necessidade e o sonho de que as mulheres sejam diferentes. Só isso te torna feminista. Agora, como vai tornar isso realidade? Estudando, fazendo doutorado, fazendo militância, ou num espaço de poder, garantindo lugar de falar para a mulher, garantindo espaço para elas.

O que é ser mulher no Brasil de hoje?

Acho que ser mulher hoje no Brasil é você conquistar algo, as pessoas acharem que você conquistou tudo, e você não conquistou muito. É ir para o mundo do trabalho e ter que trabalhar três meses a mais para ganhar o mesmo salário que um homem. É andar na rua com medo de ser estuprada todos os dias. É querer ser uma vereadora e te chamarem de vagabunda, dizerem que você quer esse lugar porque você é amante do fulano ou do beltrano. Acho que ser mulher no Brasil hoje é desafiador. Primeira coisa. A segunda, por outro lado, ser mulher no Brasil hoje com o governo que nós temos, e aí eu vou falar uma coisa aqui: o Congresso tem aprovado muitas leis a favor das mulheres. Eu posso questionar, falar um monte de coisas, mas o Congresso tem ajudado a avançar muitas pautas para as mulheres. Por fim, diria que ser mulher no Brasil hoje é a coisa mais legal que tem no mundo, porque a gente briga, xinga, chora, vive essa situação toda, mas você nunca viu uma mulher fugir da luta. Seja o movimento de mulheres, seja jornalista — quando vocês foram humilhadas pelo governo anterior, vocês estavam ali ainda colocando o microfone na boca dele e resistindo. Isso é ser uma mulher no Brasil. Isso é exemplo para o mundo. Tem os desafios e as tristezas, mas tem os prazeres das conquistas.

Quanto recurso a sua pasta vai receber este ano?

O relator é o sigilo em pessoa. Eu nunca vi um negócio daquele. Mas, vou ser sincera, eu não deixei de andar naquela Casa. A bancada feminina é muito importante, e eu quero registrar que a bancada feminina, tanto da Câmara dos Deputados quanto do Senado, tem tido uma atuação incrível. E aí eu quero dizer de todas. Acho que é importante dizer isso, porque significa que a causa é ainda maior do que está colocado. As bancadas femininas — na Câmara, liderada pela Benedita (da Silva), e no Senado, liderada pela Leila (Barros) — têm sido fundamentais para todas as nossas conquistas. É verdade que os homens ajudam bastante, né? Mas elas são protagonistas. E é por isso que eu quero muitas mulheres no Congresso.

Na segunda-feira, a deputada Gleisi Hoffmann tomará posse na Secretaria de Relações Institucionais. Como avalia a entrada dela para fazer a articulação com o Congresso?

Sou suspeita para falar, porque a Gleisi foi chefe da Casa Civil da Dilma Rousseff, e eu era secretária nacional de enfrentamento à violência contra as mulheres. Sei a capacidade de articulação, de desempenho que essa mulher tem naquilo que ela se propõe a fazer. Acho que vai ser muito bom, inclusive, dentro do

Congresso, porque ela tem uma habilidade política de conversar com todo mundo. Ela tem uma coisa que é fundamental na política: ela cumpre acordo. Isso é fundamental. E eu também acho que a Gleisi vai dar uma serenidade para esse processo, não é serenidade do processo da mulher serena, mas de continuidade dos processos. Eu acho que ela já provou quando foi chefe da Casa Civil. Outra coisa que é super importante, que na política é fundamental, é a questão da lealdade. Quando o partido estava passando por maus lençóis, foi ela quem segurou, correu o país, deu força. Quando o presidente Lula foi preso, ela que ajudou a segurar, ajudou a tocar. Ela tem uma força e uma energia que mesmo quem não é do nosso campo respeita. Acho que isso ela vai trazer para o governo, vai trazer para o presidente Lula. Fora que, finalmente, nós temos uma mulher, além da Miriam Belchior (secretária-executiva da Casa Civil) no centro do poder.

Sobre a Conferência das Mulheres, como vai ser?

A gente vai lançar agora, em março, a quinta Conferência Nacional de Política para as Mulheres. O encontro vai ser em setembro, 29 e 30, e 1º de outubro. Vamos trabalhar dois temas: a questão da democracia e a questão da igualdade. Queremos trabalhar dentro de uma perspectiva da igualdade, buscando a diversidade e a diferença que tem no país. As mulheres da Região Norte não são as mulheres da Região Sul. As mulheres da Região Sul não são as mulheres do Centro-Oeste. As do Pantanal não são as mulheres da floresta. Então, nós temos no Brasil uma diversidade de mulheres que precisamos colocar na roda. Quero saber como que essas mulheres pensam, como agem, pelo que lutam, qual é a pauta, quais são os desafios. Vamos buscar construir uma conferência pautada, principalmente, a partir das conferências livres, para que essas mulheres possam participar e estar juntas. Estamos esperando três mil mulheres. Não existe democracia com sub-representação, porque sem democracia as mulheres não vão poder falar. E a extrema-direita, a primeira coisa que faz é atacar as mulheres. Estamos vendo o que está acontecendo do outro lado do mundo. E a questão da igualdade nessas diferenças, nessas diversidades. Nós queremos as mulheres do agro, mas queremos as sem-terra. Todas nós somos mulheres e queremos estar com elas nessa conferência, porque, com isso, a gente cria um retrato das mulheres brasileiras e, talvez, responda essa pergunta: o que é ser mulher no Brasil? Talvez, essas diversas faces, essas diversas mulheres, esses diversos rostos nos respondam o que é essa mulher no Brasil. Onde a gente possa ter uma visão de quais são as ações, o que as mulheres fazem.